

USO DE ESTRATÉGIAS NÃO FARMACOLÓGICAS NO CONTROLO DA DOR EM CUIDADOS CONTINUADOS E PALIATIVOS: PERCEÇÃO DOS ENFERMEIROS

João José Rolo Longo¹; Claudia Sofia Raminhos²; Helena Cristina dos Santos Gonçalves de Bastos Melo³.

¹Instituto Politécnico da Lusofonia - Escola Superior de Saúde Ribeiro Sanches (IPLuso - ERISA), Lisboa, Portugal. <https://orcid.org/0000-0001-7462-9790>

²Instituto Politécnico da Lusofonia - Escola Superior de Saúde Ribeiro Sanches (IPLuso - ERISA), Lisboa, Portugal. <https://orcid.org/0000-0003-1479-0202>

³Instituto Politécnico da Lusofonia - Escola Superior de Saúde Ribeiro Sanches (IPLuso - ERISA), Lisboa, Portugal. <https://orcid.org/0000-0001-6557-2155>

PALAVRAS-CHAVE: Estratégias não Farmacológicas. Dor. Cuidados de Enfermagem

ÁREA TEMÁTICA: Educação em Saúde

DOI: 10.47094/IIICOLUBRASC.2025/RE/34

INTRODUÇÃO

A dor, é um problema universal e transversal a todo o ser humano. Tem sido contextualizada na literatura como uma experiência individual, subjetiva e multidimensional (DGS, 2001; 2003, 2008, 2013, 2017; IASP, 2011; OE, 2008). Pelo sofrimento que acarreta e pelas limitações que impõe, é considerada um problema de saúde pública que urge combater (MENDES, 2024; EFIC, 2010; CASTRO LOPES *et al.* 2010). As estratégias não farmacológicas emergem como possibilidades terapêuticas de controlo da dor, sendo definidas como “() *aplicação de métodos ou técnicas para prevenção e/ou tratamento da dor que não envolvem a administração de fármacos*” (ORDEM DOS ENFERMEIROS, 2008:27). Porém, comumente, são relegadas para segundo plano pelos profissionais de saúde, entre os quais, os enfermeiros, face às intervenções farmacológicas (SEQUEIRA & SAMPAIO, 2020; BECKER, *et al.*, 2017), mesmo em contextos de cuidados continuados ou cuidados paliativos, que têm como principal finalidade proporcionar conforto e bem-estar ao cliente. Tal constatação deu mote e pertinência à presente pesquisa.

OBJETIVO

Conhecer a percepção dos enfermeiros acerca do uso de estratégias não farmacológicas em cuidados continuados e paliativos.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, descritiva de natureza interpretativa. A amostra é intencional, composta por sete enfermeiros de unidades de cuidados continuados e paliativos nacionais. A recolha de dados foi efetuada através da realização de entrevistas semiestruturadas (tendo sido elaborado um guião de entrevista para o efeito), e o tratamento de dados foi executado com recurso à análise de conteúdo temática segundo Bardin. No decurso do processo investigativo, foram cumpridas as recomendações dos padrões exigidos pela Declaração de Helsínquia e Convenção de Oviedo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos reuniram um conjunto de evidências que demonstram a percepção dos enfermeiros em relação à utilização de estratégias não farmacológicas no controlo da dor. De modo geral, os participantes posicionam-se numa perspectiva holística reconhecendo a importância do controlo da dor (CASTRO LOPES *et al.* 2010; ORDEM DOS ENFERMEIROS, 2008). Por outro lado, existem enfermeiros que não reconhecem a importância desse controlo. Em relação à avaliação da dor, têm em atenção a forma de abordagem da dor e a atitude profissional bem como as diferentes estratégias não farmacológicas no controlo da dor (DGS, 2003, 2017; IASP, 2011; OE, 2008). Referem como recursos facilitadores dessas estratégias a presença da equipa multidisciplinar, recursos económicos, literacia e o rácio adequado nas instituições. Porém, os enfermeiros continuam a sentir necessidades de formação específica na área, uma vez que ainda existe desvalorização das estratégias não farmacológicas associada ao défice de conhecimento e de recursos. Reconheceram ainda que a iliteracia e o ceticismo que existem por parte da população, a falta de recursos e as barreiras na comunicação são dificuldades para a implementação das estratégias não farmacológicas. De modo global, verificou-se que os resultados da pesquisa convergem com a literatura (SEQUEIRA & SAMPAIO, 2020; BECKER, *et al.*, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os enfermeiros reconhecem o potencial das estratégias não farmacológicas no alívio e controlo da dor, no entanto encontram barreiras profissionais, institucionais e relacionadas com os próprios clientes/ famílias à sua implementação. Sugere-se o desenvolvimento de estudos mais amplos e eventualmente com outras metodologias que abordem a problemática do uso de estratégias não farmacológicas no alívio e controlo da dor, designadamente em Unidades de Cuidados Continuados e Paliativos. Em termos de implicações para a prática: É crucial investir na formação específica dos profissionais de saúde, especificamente nos enfermeiros, e na melhoria das condições institucionais de modo a facilitar uma intervenção holística e personalizada à pessoa com dor em Unidades de Cuidados Continuados e

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2013.

BECKER, W. *et al.* Barriers and facilitators to use of non-pharmacological treatments in chronic pain. **Fam Pract** mar 20;18(1):41, 2017. doi: 10.1186/s12875-017-0608-2.

BOGDAN; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

CASTRO-LOPES, J.; *et al.* **Pain Proposal - A dor crónica em Portugal**. Disponível em: https://www.pfizer.pt/Files/Billeder/Pfizer%20P%C3%BAblico/Not%C3%ADcias/Portugal_Country%20Snapshot.pdf. Acesso em: 10 fev. 2025.

DENZIN K.; LINCOLN Y. **Collecting and Interpreting Qualitative Materials. Second Edition**. London: SAGE Publications Ltd., 2003.

DIREÇÃO GERAL DA SAÚDE. Plano Nacional de Luta Contra a Dor. Disponível em: https://www.aped-dor.org/images/documentos/controlo_da_dor/Plano_Nacional_de_Luta_Contra_a_Dor.pdf. Acesso em fev.2025.

DIREÇÃO GERAL DE SAÚDE. A Dor como 5º Sinal Vital -Registo Sistemático da Intensidade da dor. Circular Normativa N.º 9/DGCG de 14/06/2003. Disponível em: <https://www.dgs.pt/directrizes-da-dgs/normas-e-circulares-normativas/circular-normativa-n-9dgcg-de-14062003.aspx>. Acesso em fev.2025.

DIREÇÃO GERAL DE SAÚDE. Programa Nacional de Controlo da Dor. Disponível em: http://www.apeddor.org/images/documentos/controlo_da_dor/Programa_Controlo_da_Dor.pdf.

Acesso em fev.2025.

DIREÇÃO GERAL DE SAÚDE. Plano Estratégico Nacional de Prevenção e Controlo da Dor (PENPCDOR). Disponível em: http://www.aped-dor.org/images/documentos/controlo_da_dor/PENPCDor.pdf. Acesso em fev.2025.

DIREÇÃO GERAL DE SAÚDE. Plano Estratégico Nacional de Prevenção e Controlo da Dor (PENPCDor). Disponível em: <https://www.dgs.pt/documentos-e-publicacoes/plano-estrategico-nacional-de-prevencao-e-controlo-da-dor-penpcdor.aspx>. Acesso em fev.2025.

EUROPEAN PAIN FEDERATION (EFIC). Pain Proposal Improving the Current and Future Management of Chronic Pain. Disponível em: <http://www.efic.org/index.asp?sub=B57HFCF6J4043I>. Acesso em fev.2025.

GHIGLIONE, R.; MATALON, B. **O inquérito: Teoria e prática** (4ª ed.). Oeiras: Celta Editora, 2001.

INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR THE STUDY OF PAIN (IASP). Intervenções no Controlo da Dor: Benefícios e Barreiras. Disponível em: http://www.iasp-pain.org/files/Content/ContentFolders/GlobalYearAgainstPain2/AcutePainFactSheets/2-Interventions_Portuguese.pdf. Acesso em fev.2025.

MENDES, C. Dor, Toque Terapêutico e Massagem: O Poder da Terapia Corporal. [Internet]. Disponível em: <https://centro.cefad.pt/dor-toque-terapeutico-e-massagem-o-poder-da-terapia-corporal/>. Acesso em fev.2025.

ORDEM DOS ENFERMEIROS. Dor. Guia Orientador de Boa Prática. Cadernos OE | Série I | Número 1. Lisboa: Ordem dos Enfermeiros, 2008.

SEQUEIRA, C., SAMPAIO, F. Enfermagem em Saúde Mental - Diagnósticos e Intervenções. Lisboa: Lidel - Edições técnicas, 2020.